



LITERATURA MUNDIAL NO BRASIL E O ENSINO DE LITERATURAS INDÍGENAS E AFRICANAS

Carlisson Oliveira (UFPB)¹
Hermano Rodrigues (UFPB)²

Resumo: Na atualidade, as literaturas indígenas e africanas em suas línguas originais possuem pouca presença nos estudos de literatura comparada no Brasil. Salvo os movimentos recentes e a literatura infanto-juvenil, a literatura mundial no Brasil ainda é bem restrita às literaturas de línguas europeias. Após apontarmos alguns trabalhos contemporâneos e comentarmos sobre a crítica literária do período romântico, discutimos algumas ideias apresentadas por David Damrosch em *What is world literature?* e *How to read world literature*. Por fim, defendemos a possibilidade de que a literatura comparada com ênfase na literatura mundial pode contribuir para incluir as literaturas indígenas e africanas na literatura mundial no Brasil.

Palavras-chave: world literature; David Damrosch; indianismo; literatura guarani; ensino de literatura.

Introdução


Na atualidade, as literaturas indígenas e africanas em suas línguas originais possuem pouca presença nos estudos de literatura comparada no Brasil. Salvo os movimentos recentes e a literatura infanto-juvenil (MARINHO, 2014), a literatura mundial no Brasil ainda é bem restrita às literaturas de línguas europeias; e isso em um país no qual a língua portuguesa só se tornou majoritária no Norte, por exemplo, com o ciclo da borracha e a supressão do nheengatu; ou no qual a influência de línguas como o quimbundo e o iorubá possibilita a defesa de um português afro-brasileiro (LUCCHESI, 2009). Mas nem sempre os estudos literários no Brasil tiveram esta visão excludente.

Antes de apontar alguns trabalhos contemporâneos, é importante pontuar o período romântico. Na *História da Literatura Brasileira (1859-1862)*, de Joaquim Norberto de Sousa Silva (2001), a primeira historiografia da literatura brasileira, o autor romântico inclui a "poesia indígena" no seu texto. Esse marco é importante para não repetirmos a ideologia romântica.

Se há aceitação e valorização da literatura indígena por parte da crítica romântica, é igualmente necessário apontar a negação da literatura africana para os românticos. Como Jobim mostra em "Indianismo, Nacionalismo e Raça", os nossos críticos românticos, como Gonçalves Magalhães, são simplesmente racistas para com os escravos

¹ Graduado em Letras-Português e mestrando no PPGL-UFPB. Contato: carlissonmdo@icloud.com.

² Professor do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB.



vindos da África (2003, p. 103). *Ao invés de ressuscitar essa visão romântica, precisamos abordar essas literaturas com o mesmo profissionalismo que temos com a literatura brasileira em português ou as europeias.*

Alguns materiais já estão disponíveis em várias línguas, mas vamos mencionar somente alguns exemplos de textos editados no Brasil. Temos livros monolíngues ou bilíngues feitos por professores indígenas para os seus cursos, como os publicados por professores Huni Kuin (Kaxinawá) (ORGANIZAÇÃO, 2000); livros escritos por indígenas em português; algumas traduções de textos literários feitos por antropólogos ou coletâneas como *Mitologia dos Orixás*, de Reginaldo Prandi (2000), apesar de que, às vezes, como no último exemplo, a pouca atenção às formas literárias tem como consequência uma homogeneização textual.

A maioria dessas obras é organizada por antropólogos, linguistas ou por falantes das línguas indígenas, sendo que obras com a preocupação central com questões literárias (independente da formação profissional) são uma minoria. Como representantes desta minoria, destacamos dois trabalhos. Uma abordagem mais teórica, feita por Eliane Robert Moraes em *Perversos, amantes e outros trágicos* (2013), ao incluir um conto indígena em um livro de crítica literária de base psicanalítica; e uma abordagem mais textual, feita por Pedro Cesarino (2006), ao estudar o paralelismo indígena.


Literatura mundial

David Damrosch, em *What is world literature?* e *How to read world literature* apresenta um conceito de literatura mundial com algumas características importantes para a discussão da literatura mundial no Brasil. O que se segue não é um resumo da sua teoria, mas apenas alguns destaques para este debate.

O autor desenvolve uma definição tripartite de literatura mundial e de cada uma dessas definições podemos retirar lições para uma mudança de paradigma da literatura comparada no Brasil.

A primeira parte de sua definição é que a "literatura mundial é uma refração elíptica de literaturas nacionais". O autor afirma:

virtualmente todo trabalho literário nasce dentro do que agora chamaríamos de literatura nacional. A nação moderna é, notadamente, uma elaboração relativamente recente, mas mesmo trabalhos mais antigos foram produzidos em configurações locais e étnicas que têm se



integrado às tradições nacionais nas quais eles são hoje preservados e transmitidos. (2003, p. 283).³⁴

Dito de outra forma, pode-se afirmar que a literatura mundial se realiza na arena nacional, tanto no momento da produção quanto no momento da circulação. Essa perspectiva impossibilita a ideia de que existe um cânone mundial que cada nação deve conhecer. Na verdade, se olharmos de perto, esse cânone será somente a literatura nacional de um poder imperial. Na história da literatura brasileira, é fácil ver como as literaturas inglesa, francesa e alemã, com algumas participações da italiana, espanhola e russa, ocupam essa posição. Obviamente, essa relação de poder cultural não depõe contra a beleza dessas literaturas, são apenas características desassociadas.

Em relação às literaturas indígenas e africanas, a questão da nacionalidade toma outros contornos. No Brasil, a população indígena de quase um milhão de pessoas se divide em mais de duzentos povos, com a maior delas, o povo Tikuna, com cerca de 45.000 pessoas. Na África, a questão das línguas é uma questão seríssima na construção dos Estados nacionais. Enfim, esses números trazem esse debate para a questão sobre *ultraminor literature*, que, infelizmente, não poderá ser debatida aqui.

Outra contribuição desta definição de literatura mundial é a separação entre qualidade textual e circulação internacional:


Alguns trabalhos literários, de fato, podem estar tão intimamente dependentes de um conhecimento detalhado, culturalmente específico, que eles só podem ser significativos a membros da cultura originária ou a um especialista daquela cultura; estes são trabalhos que permanecem dentro da esfera de uma literatura nacional e nunca alcançam uma vida efetiva na literatura mundial. (2003, p. 158).⁵

No tempo de uma literatura globalizada, o fato de um livro brasileiro ter sido traduzido em vários países tornou-se uma marca distintiva, repetindo (ou tentando) o

³ As traduções das citações de Damrosch são de autoria de Eider Madeiros, a quem agradecemos a ajuda, com pequenas mudanças nossas.

⁴ virtually all literary works are born within what we would now call a national literature. The modern nation is, of course, a relatively recent development, but even older works were produced in local or ethnic configurations that have been subsumed into the national traditions within which they are now preserved and transmitted.

⁵ Some literary works, indeed, may be so closely dependent on detailed, culture-specific knowledge that they can only be meaningful to members of the originating culture or to specialist in that culture; these are works that remain within the sphere of a national literature and never achieve an effective life in world literature.



velho circuito de obras que primeiro fazem sucesso lá fora. E no caso das literaturas em questão, as barreiras linguísticas e culturais são ainda maiores.

Essas barreiras nos levam para a segunda parte da definição, a de que "literatura mundial é escrita que ganha em tradução". Essa afirmação não quer negar as perdas de uma tradução, ao contrário,

alguns trabalhos são tão inextricavelmente conectados a sua língua e seu momento de origem que eles realmente não conseguem ser efetivamente traduzidos de forma alguma. [...] É mais exato dizer que alguns trabalhos não são traduzíveis sem perda substancial, assim eles permanecem em grande medida dentro de seu contexto local ou nacional, nunca alcançando uma vida efetiva como literatura mundial. (2003, p. 288-289)⁶

Com limitações, podemos resumir as muitas páginas dos textos de Damrosch sobre esse tópico afirmando que a literatura mundial é formada por textos que ganharam novas vidas além de suas fronteiras originais através da tradução.


Apoiando-se no fato de que as traduções possibilitam essa circulação internacional e considerando as dificuldades do estudo de literaturas estrangeiras em suas línguas originais por especialistas, Damrosch defende o uso de traduções pelos comparatistas:

Mesmo com uma melhoria considerável na amplitude dos estudos linguísticos, e mesmo com um crescimento substancial em projetos colaborativos, nos será necessário realizar um ativo uso acadêmico da tradução se não pretendermos continuar reduzindo nossas questões ao tamanho que pareça conveniente àquele espaço que a linguística nos disponibilizar em determinada circunstância. (2003, p. 289-290).⁷

Essas limitações práticas são ainda mais fortes nos casos das literaturas em questão. A ampla maioria das línguas indígenas e africanas nem foram descritas, quanto mais terem suas literaturas estudadas em suas línguas. Manter a exigência da fluência e profundo conhecimento de uma língua significa, na prática, a impossibilidade de incorporar essas literaturas à literatura comparada.

⁶ some works are so inextricably connected to their original language and moment that they really cannot be effectively translated at all. [...] "It is more accurate to say that some works are not translatable without substantial loss, and so they remain largely within their local or national context, never achieving an effective life as world literature.

⁷ Even with a major improvement in the breadth of language study, and even with a substantial increase in collaborative projects, it will be necessary to make active scholarly use of translation if we are not to continue cutting our topics down to the size of whatever linguistic bed is available to us at a given moment.



Essa afirmação não significa que o aprofundamento na cultura é dispensável, ao contrário, quanto menos compreendermos mais propensos estaremos a uma assimilação cultural ou exotização. Ela apenas defende que com um conhecimento intermediário de uma língua, apoiado em traduções comentadas, edições bilíngues, é possível fazer um estudo sério dessas literaturas (DAMROSCH, 2009, p. 128)

A terceira parte da definição é a de que a "literatura mundial não é um cânone de textos, mas um modo de leitura: uma forma de comprometimento desapegado [*detached engagement*] com mundos além do nosso próprio tempo e lugar."

Ler e estudar literatura mundial, em contrapartida, é inerentemente um modo de comprometimento mais desapegado; que se insere em uma maneira diferente de diálogo com o objeto, não envolvendo mera identificação ou domínio, mas a disciplina da distância e da diferença. Não entramos em contato com o objeto no cerne de sua cultura primeira, mas no campo de força entre trabalhos que podem vir de diferentes culturas e eras. (2003, p. 300)⁸


O deslocamento da centralidade do cânone para o crítico tem algumas consequências. A primeira, seguindo o comentário de Eckermann sobre o *seu* Goethe, é que, em última instância, cada crítico — e cada leitor — terá sua própria literatura mundial, uma ideia diametralmente oposta ao cânone. Segundo, é o reconhecimento do grande dinamismo diacrônico dos textos numa dada cultura. E, por último, a valorização da tensão entre as culturas numa obra de literatura comparada, algo muito presente se trouxermos as literaturas indígenas e africanas para as cursos de literatura comparada no Brasil.

E, do ponto de vista da circulação dos objetos, Damrosch aponta que a

Literatura mundial pode de certo modo existir como uma ordem ideal, um construto mental hipotético, mas na prática é experienciada como o que está disponível à leitura, em salas de aula e em prateleiras de livrarias, em programas de disciplinas de curso e em antologias para estudantes e leigos, e problemáticas de dimensão ou de coerência vêm à tona em contextos [assim] tão práticos. (2003, p. 111).⁹

⁸ Reading and studying world literature, by contrast, is inherently a more detached mode of engagement; it enters into a different kind of dialogue with the work, not one involving identification or mastery but the discipline of distance and of difference. We encounter the work not at the heart of its source culture but in the field of force generated among works that may come from very different cultures and eras.

⁹ World literature may in some sense exist as an ideal order, a hypothetical mental construct, but in practice it is experienced as what is available to read, in classrooms and on bookstore shelves, on course syllabi and



Portanto, ao considerar esse ponto de vista prático, acreditamos que *a literatura comparada com ênfase na literatura mundial pode contribuir para incluir as literaturas indígenas e africanas na literatura mundial no Brasil.*

Como exemplo do que foi discutido, apontamos algumas possibilidades de pesquisa com a literatura guarani, que faz parte da nossa literatura mundial.

Para começar, o pesquisador pode apoiar-se em edições bilíngues dos textos míticos dos guaranis, como na edição de Cadogan (1959), nesse caso, especificamente, dos Guarani Mbya. Em antologias, como Saguier (1980). E em traduções para o português, como na tradução de Popygua (2016), na belíssima coleção "Mundo Indígena" da Hedra.

Para uma comparação com a teologia e os textos cristãos, é indispensável o livro "A espiritualidade indígena" de Graciela Chamorro (1998). Para um estudo das formas literárias, também de Chamorro, "A arte da palavra cantada na etnia Kaiowá" (2011). E do ponto de vista histórico, a ressignificação da figura histórica do jesuíta na figura mitológica *kesuita* pelos Guaranis Mbyá (GARLET, 2002. LITAIFF, 2009).


Como dissemos, esse foi somente um exemplo, uma possibilidade, caso o pesquisador tenha interesse em estudar essa literatura indígena no campo da literatura comparada. Não estamos defendendo que estudar literaturas indígenas e africanas deva ser uma obrigação, ao contrário, acreditamos que qualquer recorte seja válido. Na verdade, esse texto é uma defesa de que o estudo dessas literaturas é tão válido quanto o das tradicionais, e que as dificuldades impostas pela exclusão destas literaturas do cânone não sejam um impedimento para aqueles que gostariam de estudá-las.

Legislação e ensino

Além desses motivos próprios aos estudos literários, a legislação brasileira recentemente trouxe incentivos externos para o estudo das literaturas indígenas e africanas. Sobre as leis 10.639 e 11.645, que incluíram no currículo escolar o estudo da cultura afro-brasileira e indígena, é importante destacar dois pontos.

O primeiro é a forte presença da noção de território para delimitar o que deve ser ensinado, com o legislador tendo a preocupação constante em restringir o estudo dessas culturas com o território brasileiro. Uma pequena exceção é a breve referência ao "estudo da África e dos africanos".

in anthologies for students and general readers, and questions of scale and of coherence come to the fore in such practical contexts.



Um segundo ponto é a localização do estudo dessas culturas no currículo, já que, na prática, esses conteúdos serão ministrados "em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.". Fica evidente a falta de destaque ao conhecimento indígena e africano em outras áreas, como a medicina e a política. De toda forma, do modo como é colocado os conteúdos, a interdisciplinaridade é uma característica obrigatória, e a literatura comparada pode contribuir para a sua realização. Só fazemos a ressalva de que isso não deve impedir, na medida do possível, o estudo dessas literaturas *per se*, ou seja, se a literatura comparada pode ser a porta de entrada, não precisa ser um limite.

Este trabalho não teve como foco o ensino dessas literaturas no nível básico, e sim no ensino superior. Sempre tivemos em mente a potência da atividade universitária defendida por José Luís Jobim em "Crítica literária contemporânea" (2012, p. 18), qual seja, a de que a mudança da prática literária na universidade atingirá, pelas escolas básicas, um grande número de pessoas.

A partir do que já vem sendo feito por linguistas e antropólogos, os profissionais da área de letras podem contribuir para o efetivo ensino da literatura indígenas e africanas ao incorporar textos indígenas e africanos nos seus programas de disciplinas, na organização de edições críticas, no fomento de cátedras específicas, etc.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei n. 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira", e dá outras providências.

BRASIL. Lei n. 11.645 de 10 de março de 2008. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira e Indígena".

CADOGAN, León. *Ayvu rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*. *Boletín* n. 227, Antropologia n. 5. São Paulo: FFCL-USP, 1959.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. De duplos e estereoscópios: paralelismo e personificação nos cantos xamanísticos ameríndios. *Mana*, 12(1), 105-134, 2006.

CHAMORRO, Graciela. *A espiritualidade guarani: uma teologia ameríndia da palavra*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

_____. A arte da palavra cantada na etnia Kaiowá. *Boletín*, Societé Suisse des Américanistes, n. 73, 2011, p. 43-57.



DAMROSCH, David. *What is world literature?* Princeton: Princeton Press, 2003.

_____. *How to read world literature.* West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.

_____. What Is World Literature? David Damrosch in Conversation with Wang Ning. *Ariel*, vol. 42, n. 1, jan. 2011.

GARLET, Ivori J.; ASSIS, Valéria S. de. A imagem do kechuíta no universo mitológico dos Mbyá-Guarani. *Revista de História Regional*, 7(2):99-111, Inverno 2002.

JOBIM, José Luís. Indianismo, Nacionalismo e Raça. In: *Formas da teoria: sentidos, conceitos, políticas e campos de força nos estudos literários*. 2. ed. Rio de Janeiro: Caetés, 2003.

_____. A crítica literária contemporânea: entre o contingente e o histórico. In: *A crítica literária e os críticos criadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés; EDUERJ, 2012.

LITAIFF, Aldo. O "Kesuíta" guarani: mitologia e territorialidade. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 142-160, jul/dez 2009.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARINHO, Ana Cristina. *Índios e negros na literatura infantil/juvenil brasileira* (catálogo de obras). João Pessoa: Ideia, 2014.

MORAES, Eliane Robert. Eros canibal. In: *Perversos, amantes e outros trágicos*. São Paulo: Iluminuras, 2013.

ORGANIZAÇÃO dos Professores Indígenas do Acre. *Shenipabu Miyui*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

POPYGUA, Timóteo da Silva Verá Tupã. *Yvyrupa: a terra uma só*. Anita Ekman (Org.). São Paulo: Hedra, 2016.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SAGUIER, Rubén Bareiro; CADOGAN, León. *Literatura guarani del paraguay*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980. [2. ed., Servilibro, 2004]

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *História da literatura brasileira e outros estudos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras-UFMG, 2001.